



## O Impacto das Eleições dos Estados Unidos na América Latina

Por Bruna Rohr Reisdorfer \*

Finalizada uma das eleições mais polarizadas dos Estados Unidos nos últimos anos fica a pergunta: qual o impacto dela para a América Latina? Para responder tal questionamento é necessário analisarmos o seu contexto, o qual fundamenta e contextualiza as ações estadunidenses no mundo.

Os países emergentes saem menos impactados do que os Estados Unidos e União Europeia da crise econômica de 2008. Aumentaram, portanto, a sua projeção internacional, se inserindo em locais antes dominados pelos europeus e estadunidenses e propondo alternativas aos organismos financeiros tradicionais como o FMI. Como exemplo, temos a expansão brasileira e chinesa para a África e o projeto do banco dos BRICS. Há, desde então, mudança no poder relativo de Estados Unidos com Rússia e China. Destaca-se o grande e constante crescimento econômico chinês, expandindo a sua influência e demonstrando grande capacidade de inovação tecnológica - impactando na escala e na produtividade econômica mundial. A China se adapta rápida e eficientemente à mudança tecnológica da era da digitalização. O país se tornou, pois, inevitável nas relações internacionais e é um dos principais parceiros econômicos de todos os países latino-americanos. Vivemos em um mundo em transição de poder em que a ordem hegemônica desde o pós II Guerra Mundial baseada no padrão dólar, na financeirização e no capitalismo cosmopolita estadunidense, convive com uma ordem ascendente, na qual os Estados Unidos não se encontra mais em posição de fazer ações unilaterais sem sofrer retaliações. Este contexto de transição gera incertezas e um ambiente instável, porque mudanças bruscas e conflitos militares podem ocorrer até que seja estabelecida uma nova ordem internacional que represente a nova distribuição de poder. Com a mudança tecnológica, climática e migratória, as interações entre as unidades mudam e há pressão para que o Sistema Internacional se ajuste. Elites políticas perdem espaço, novas surgem e isso pressiona os governos e a organização política. Por isso, de um ponto de vista macro, a reemergência de governos de extrema direita na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos demonstra a pressão e a crise que o sistema neoliberal, o modelo de Estado-Nação e as democracias modernas vem sofrendo para se adaptar às novas dinâmicas econômicas e de poder. A eleição de Trump em 2016 e sua postura unilateral nas questões internacionais gerou um vazio de poder e liderança em questões que inerentemente são transnacionais, como: o futuro da globalização, as crises migratórias, a transição climática e a pandemia. Isso deixa espaço para a inserção de outros países na liderança destas questões, aumentando o seu prestígio e

diminuindo o estadunidense. Um país vai buscar a modificação da governança mundial se os benefícios ultrapassarem os custos. Trump fez ser mais custoso para a China manter o Sistema Internacional atual, do que se engajar em expandir a sua influência. Houve, portanto, uma aceleração do declínio da liderança estadunidense durante o governo Trump.

**Vivemos em um mundo em transição de poder em que a ordem hegemônica desde o pós II Guerra Mundial baseada no padrão dólar, na financeirização e no capitalismo cosmopolita estadunidense, convive com uma ordem ascendente, na qual os Estados Unidos não se encontra mais em posição de fazer ações unilaterais sem sofrer retaliações.**

Mesmo com a eleição de Joe Biden há, conforme demonstrado, pressão da estrutura do Sistema Internacional que tende a manter as incertezas e instabilidades nas relações entre os países nos próximos anos. Assim, a contenção da China se tornou agenda comum de Trump e Biden e mesmo que este se coloque como mantenedor da ordem neoliberal multilateral, desenvolvendo projeto para ocupar novamente espaço nas agendas internacionais; o contexto de transição de poder constrangerá as suas ações. Ademais, o aumento da polarização interna nos Estados Unidos, com questionamento das instituições democráticas (como a Suprema Corte e as eleições) demonstram a constante pressão sob o modelo capitalista estatal ocidental. Portanto, o que esteve em jogo nestas eleições sob a ótica da política internacional, foi a velocidade com que os estadunidenses podem deixar de ser o hegemom no Sistema Internacional. Com Biden esta transição pode desacelerar; mas com Trump, poderia haver o aceleração do declínio americano e a transição para uma ordem internacional não ocidental.

Neste contexto, a América Latina é território vital para a manutenção do poderio estadunidense. Há interdependência econômica, além dela ser rica em recursos naturais e território estratégico para alcançar o Atlântico Sul, o Oceano Pacífico e garantir a defesa terrestre norte americana. É porque os Estados Unidos não possuem Estados rivais nas suas fronteiras que ele consegue projetar poder mundialmente. Independentemente do resultado das eleições, a América Latina ganha maior importância para o Estados Unidos quanto maior a presença chinesa e russa na região. Porque, a mesma importância que a região tem para os Estados Unidos, a China tem com o seu entorno estratégico. Então quanto

maior a presença dos Estados Unidos lá, mais estratégico seria para a China fazer incursões na América Latina seja através de parcerias econômicas, de infraestrutura ou até mesmo militares. Isso faria com que os Estados Unidos ficassem mais ocupados na América Latina, aumentando o custo de manterem presença na Ásia. Além disso, o comércio com a China é essencial para vários países latino-americanos. Para o Brasil, a China é o principal parceiro comercial (representando até outubro de 2020 mais de 3 vezes a quantidade exportada para o segundo parceiro que são os Estados Unidos). Soma-se a isso, o rápido desenvolvimento tecnológico chinês com a 5G que pode trazer avanços e ganhos de produtividade. Portanto, se houver aumento da tensão entre China e Estados Unidos, os países latino-americanos poderiam ser pressionados a escolher um em detrimento do outro, impactando o desenvolvimento econômico e restringindo o uso da política externa como instrumento de desenvolvimento nacional.

Qual seria, então, a opção para a América Latina, em especial para o Brasil? O que o pesquisador Gerson Moura chama de 'Autonomia na Dependência'. Em sabendo que somos dependentes e que fazemos parte do entorno estratégico estadunidense, mas tomando consciência do tamanho, do poderio e da importância do Brasil para a transição de poder atual; poderíamos barganhar com as potências em vez de adotar um alinhamento automático com os Estados Unidos e uma negação ideológica das relações com a China. Poderíamos também recuperar a liderança em projetos conjuntos com os países vizinhos, sem deixar espaço para que potências externas se engajem política e militarmente na região.

\* Bruna Rohr Reisdorfer  
Analista de Defesa e de Relações Internacionais  
Doutoranda em Estudos Estratégicos Internacionais – PPGEEI/UFGRS  
Mestre em Ciências Militares – PPGCM/ECEME  
E-mail: [brunareisdorfer@gmail.com](mailto:brunareisdorfer@gmail.com)  
Vinculação ao NEEDS: set/2019